

O Enigma de Frege¹

Frege's Puzzle

Juliana Faccio Lima
University of California Santa Barbara

Resumo

Neste artigo irei apresentar o enigma de Frege e o problema que ele coloca para a Teoria da Referência Direta como uma teoria para o conteúdo semântico de nomes próprios. Discutirei como a Teoria Fregeana do Significado pode solucionar o enigma e algumas objeções levantadas a ela. Por fim, analisarei a teoria proposta por Nathan Salmon em Frege's Puzzle. Argumento que, apesar de ser uma resposta engenhosa do ponto de vista da Teoria da Referência Direta, ela tem problemas sérios e, portanto, devemos rejeitá-la como uma teoria apropriada para nomes próprios.

Palavras-chave

Enigma de Frege. Teoria da Referência Direta. Nathan Salmon.

1 - Gostaria de agradecer a Roberta Aguiar, Kevin Falvey, Iago Bozza Francisco e Sagid Salles pelas discussões e revisões que tornaram o presente artigo mais claro.

Abstract

In this paper I explain Frege's Puzzle and the problem it creates for the Direct Reference Theory as a theory for the semantic content proper names. I also discuss how the Fregean Theory of Reference may explain away the puzzle and some of the most common objections raised to it. At last, I consider Nathan Salmon's theory proposed in Frege's Puzzle. I argue that despite being a clever reply to the problem created by the puzzle on behalf of the Direct Reference Theory, it has serious flaws which should prompt us to reject it as an adequate theory for proper names.

Keywords

Frege's Puzzle. Direct Reference Theory. Nathan Salmon.

O nome 'Enigma de Frege' pode ser usado para se referir a dois fenômenos distintos mas relacionados que podem surgir quando consideramos o conteúdo de crenças e o valor da informação expressa por sentenças de identidade. Normalmente tomamos como verdadeira a sentença 'Lois Lane acredita que Superman voa'. Agora, quando substituímos 'Superman' por 'Clark Kent', a sentença resultante 'Lois Lane acredita que Clark Kent voa' nos parece falsa. Mas como é possível haver essa diferença no valor de verdade entre as duas sentenças se tanto 'Superman' e 'Clark Kent' se referem à mesma pessoa, e essa é a única diferença entre as duas sentenças? Além do mais, se Superman e Clark Kent são a mesma pessoa, como pode ser informativo dizer à Lois Lane 'Superman é Clark Kent.' mas não tão informativo dizer a ela que 'Superman é Superman.'?

As duas versões do enigma apresentadas acima foram originalmente apresentadas por Gottlob Frege em seu artigo 'Sobre o Sentido e a Referência' publicado em 1892. Nele Frege usa o enigma para argumentar a favor da sua teoria semântica (*Teoria Fregeana do Significado*), entre outras coisas.

Hoje em dia o Enigma de Frege é frequentemente usado como base para objeções à Teoria da Referência Direta, considerada a principal teoria rival à Teoria Fregeana do Significado. Neste artigo irei apresentar o enigma de Frege e o problema que ele coloca

para a Teoria da Referência Direta como um teoria para o conteúdo semântico de nomes próprios. Discutirei como a Teoria Fregeana do Significado pode solucionar o enigma e algumas objeções levantadas a ela. Por fim, analisarei a teoria proposta por Nathan Salmon em Frege's Puzzle. Argumento que, apesar de ser uma resposta engenhosa do ponto de vista da Teoria da Referência Direta, ela tem problemas sérios e, portanto, devemos rejeitá-la como uma teoria apropriada para nomes próprios.

1. Preliminares

Antes de apresentar o enigma, vou explicar alguns termos técnicos e o propósito geral da Teoria Fregeana do Significado e da Teoria da Referência Direta com relação a nomes próprios.

Nomes próprios são, grosso modo, aquelas expressões linguísticas comumente chamados de 'nomes', como 'Aline', 'Juliana', 'Bill Gates', 'Superman', 'Clark Kent', etc. As duas teorias a ser discutidas aqui classificam nomes próprios como *termos singulares*. Termos singulares são expressões linguísticas cuja função é se referir a um, e apenas um, objeto. Por exemplo, o nome 'Juliana' tem a função de se referir a mim, o nome 'Bill Gates' tem a função de se referir a Bill Gates, etc.

Além de nomes próprios, expressões *indexicais* também são usualmente consideradas termos singulares. Indexicais são expressões linguísticas cujo referente pode variar sistematicamente de acordo com o contexto em que é usado. A expressão 'eu' é uma expressão indexical pois o objeto ao qual 'eu' se refere depende de quem profere a expressão, não é "fixo" como no caso de nomes próprios. Por exemplo, suponha que estamos todos em um bar bebendo cerveja quando o garçom chega na nossa mesa e pergunta quem quer mais cerveja. Quando Juliana responde dizendo 'Eu quero cerveja,' o uso de 'eu' se refere à Juliana; e ela está dizendo que Juliana quer cerveja. Quando Aline responde dizendo 'Eu quero cerveja,' ela obviamente não diz que Juliana quer cerveja, mas que Aline quer cerveja. Nesse caso, 'eu' se refere a Aline. Outras expressões indexicais são 'isso', 'ele', 'hoje', 'agora', 'aqui', etc.

Existe ainda um terceiro tipo de expressões linguísticas, as *descrições definidas*, que também pode ser classificado como termo singular dependendo da teoria. Descrição definidas são expressões com a seguinte forma 'o *F*' ou 'a *F*', tal que '*F*' representa uma expressão predicativa. Exemplos de descrições definidas são: 'o presidente dos Estados Unidos em 2012', 'o inventor do zíper', 'a capital do Brasil', etc.

Aqui eu vou focar nas versões do Enigma de Frege apenas com relação a nomes próprios. Mas é importante notar que há versões do Enigma para indexicais e descrições definidas. Fica como tarefa para o leitor ao final do artigo pensar como o mesmo fenômeno pode aparecer com esses dois tipos de expressões linguísticas.

A Teoria Fregeana do Significado e a Teoria da Referência Direta discordam a respeito da natureza do *conteúdo semântico* de nomes próprios. O *conteúdo semântico* de um nome próprio é o conteúdo expresso por ele que contribui para o conteúdo semântico expresso por sentenças declarativas. Sentenças declarativas são aquelas sentenças que podem ser verdadeiras ou falsas, como 'Juliana é brasileira.' - por oposição a sentenças que não são verdadeiras ou falsas, por exemplo 'Qual a nacionalidade de Juliana?'. Por poderem ser verdadeiras ou falsas, sentenças declarativas ('sentenças' daqui em diante) têm *condições de verdade* associadas a elas. Quando essas condições são satisfeitas, dizemos que a sentença é verdadeira; quando não satisfeitas, dizemos que a sentença é falsa. Para os propósitos desse artigo, as condições de verdade associadas a uma sentença vão ser identificadas com o *conteúdo semântico* ou a *proposição* expressa pela sentença.

Assim como podemos entender que sentenças são determinadas pelas expressões básicas que as compõem, também podemos entender que o conteúdo semântico expresso por elas é determinado pelo conteúdo semântico expresso pelas suas expressões básicas. Por uma série de motivos que não vou discutir aqui, é natural entender que a sentença 'Juliana é brasileira.' é constituída por duas expressões básicas: o nome, 'Juliana', e o predicado 'ser brasileira'. Da mesma forma, algumas teorias semânticas propõem que o conteúdo semântico (proposição ou condições de verdade) expresso por 'Juliana é brasileira.' é determinado pelo conteúdo semântico de 'Juliana' e 'ser brasileira'. O princípio por trás dessa ideia é conhecido como *Princípio de Composicionalidade* com relação à proposição ou conteúdo semântico expresso por uma sentença declarativa:

(Tese 1) O conteúdo semântico (ou proposição) expresso por uma sentença declarativa é determinado pelo conteúdo semântico das expressões básicas que compõem a sentença e a ordem em que aparecem na sentença.

Com isso, podemos dizer um pouco mais a respeito do conteúdo semântico de nomes próprios: ele é a contribuição que o nome dá às condições de verdade da sentença da qual ele faz parte.

O leitor atento já deve ter percebido que também precisamos de uma teoria sobre o conteúdo semântico de predicados. As teorias das quais falarei aqui também falam sobre o conteúdo semântico de predicados. E também há uma versão do Enigma de Frege envolvendo predicados. Mas vou deixar essa parte das teorias de lado porque, como disse anteriormente, vou focar a discussão no conteúdo semântico de nomes próprios apenas.

Antes de seguir adiante, quero deixar claro quais dos conteúdos associados a uma sentença é seu conteúdo semântico. Quando uma pessoa profere uma sentença, ela possivelmente expressa uma série de conteúdos. Mas nem todos são o conteúdo semântico da sentença usada. Por exemplo, quando digo em voz alta ‘Aline é brasileira.’, ao mesmo tempo que expresse o conteúdo semântico dessa sentença, ou suas condições de verdade, também posso expressar certas emoções dependendo do meu tom de voz, minhas expressões faciais e corporais. Se a mãe da Aline me pergunta qual é a nacionalidade da Aline, eu posso responder com uma certa expressão facial (sobrancelhas mais juntas, olhos um pouco mais fechados que o normal, o canto esquerdo da boca meio puxado para o lado) ‘Aline é brasileira.’ Nesse caso, muito possivelmente vou passar não só a informação que Aline é brasileira como também a informação que suspeito que tem alguma coisa estranha com a mãe de Aline, afinal uma situação onde uma mãe não sabe a nacionalidade de sua própria filha é bastante inusitada. Teorias sobre o conteúdo de expressões linguísticas estão interessadas apenas no primeiro tipo de informação, pois este é o conteúdo semântico. O segundo tipo de informação é classificado como *conteúdo pragmático*.

Um modo intuitivo que temos para saber se um conteúdo que associamos a uma sentença é semântico ou pragmático, é nos perguntar se esse conteúdo é sistematicamente expresse pela sentença ou não. O conteúdo que eu estou suspeitando de algo errado com a mãe da Aline não é um conteúdo sistematicamente associado com a sentença ‘Aline é brasileira.’ Afinal, ao proferir a mesma sentença em outros contextos, digamos quando Valéria me pergunta qual a nacionalidade de Aline, eu não passo a informação de que há algo de errado com a mãe da Aline, mas apenas a informação que Aline é brasileira. A primeira informação é um conteúdo comunicado apenas no contexto envolvendo a mãe da Aline. Isso quer dizer, entre outras coisas, que minhas suspeitas de que há algo de errado com a mãe da Aline *não* é relevante para as condições de verdade daquilo que expressei quando disse ‘Aline é brasileira.’ Portanto essa informação não é faz parte do conteúdo semântico expresse por um proferimento de ‘Aline é brasileira.’

Claro, esse critério não é aceito por todos como sendo um critério bom para fazer a distinção em todos (ou até em alguns) casos. Mas ele funciona relativamente bem para uma primeira abordagem da questão, que é meu propósito aqui.

2. Teoriada Referência Direta

Como normalmente as duas versões do Enigma de Frege estão ligadas a objeção à Teoria da Referência Direta, primeiro vou apresentar a teoria e depois os Enigmas de Frege.

O nome ‘Teoria da Referência Direta’ vai ser usado aqui como um termo guarda-chuva. Existem inúmeras teorias que podem ser classificadas como Teoria da Referência Direta; basicamente, uma teoria para cada filósofo que se diz defensor da Teoria da Referência Direta. O que eu aqui chamo de ‘Teoria da Referência Direta’ se refere a qualquer teoria que se compromete com a seguinte tese (que vou também chamar de ‘tese característica da Teoria da Referência Direta’), dentre outras:

(Tese 2) O conteúdo semântico de nomes próprios é unicamente o objeto referido pelo nome próprio.



No caso de ‘Aline’, o objeto referido pelo nome é a própria Aline. Logo, a própria Aline é a única contribuição para a proposição expressa pela sentença ‘Aline é brasileira.’


Como expliquei anteriormente, predicados também têm conteúdo semântico. Mas não vou entrar na discussão a respeito de qual é seu conteúdo semântico. Apenas por uma questão de consistência, vou supor que para a Teoria da Referência Direta o conteúdo de predicados é também o seu referente. E vou supor que o referente de um predicado é uma propriedade, o que quer que ela seja. Portanto, no caso do predicado ‘ser brasileira’, sua contribuição semântica é a propriedade de ser brasileira.

Do que foi dito nos últimos dois parágrafos temos que a proposição expressa por ‘Aline é brasileira.’ é constituída por Aline e a propriedade de ser brasileira. Usualmente proposições são representados por n-tuplas ordenadas contendo o conteúdo semântico das expressões básicas que compõem a sentença. Seguindo essa convenção, a proposição expressa por ‘Aline é brasileira.’ é $\langle Aline, ser\ brasileira \rangle$, tal que ‘Aline’ representa Aline ela mesma, e ‘*ser brasileira*’, a propriedade de ser brasileira. O que isso quer dizer é que para a Teoria da Referência Direta, ‘Aline é brasileira.’ é verdadeira se, e somente se, Aline tem a propriedade de ser brasileira.

Uma consequência da conjunção da Tese 1 (Princípio de Composicionalidade) e da Tese 2 (tese característica da teoria da referência direta) é:

(Tese 3) Duas sentenças com diferentes nomes co-referenciais (ou seja, nomes diferentes do mesmo objeto) mas que são de outra forma idênticas expressam a mesma proposição.

Um par de sentenças que exemplifica essa tese é: ‘Superman voa.’ e ‘Clark Kent voa.’. Essas duas sentenças são idênticas exceto pelo fato que uma contém o nome ‘Superman’ e a segunda, o nome ‘Clark Kent’, que são diferentes nomes do mesmo objeto. Eles são diferentes nomes no sentido de serem diferentes símbolos, diferentes sequências de letras; o primeiro começa com ‘S’ enquanto que o segundo começa com ‘C’. Mas eles são co-referenciais porque se referem ao mesmo objeto, a saber, , tal que  representa Superman (ou Clark Kent) ele mesmo.

Com isso, é fácil ver porque as sentenças acima expressam a mesma proposição de acordo com a Tese 1 e a Tese 2. A proposição expressa por uma sentença é constituída pelos referentes das expressões que a compõe. Como os referentes das expressões que compõem ‘Superman voa.’ e ‘Clark Kent voa.’ são os mesmos, a proposição expressa por elas também é a mesma, a saber, $\langle \text{, voar} \rangle$, tal que ‘voar’ representa a propriedade de voar. Uma das coisas que isso quer dizer é que ‘Superman voa.’ e ‘Clark Kent voa.’ sempre terão as mesmas condições de verdade e, consequentemente, o mesmo valor de verdade.

3. Primeira versão do Enigma de Frege

Um dos dois fenômenos chamados de ‘Enigma de Frege’ se torna saliente quando analisamos com cuidado uma das implicações da Tese 3 que mencionei no final da seção anterior - uma versão restrita a nomes próprios do princípio mais geral chamado ‘Princípio de Substituição *salva veritate*’:

(Tese 4) A substituição de um nome em uma sentença por um nome diferente mas co-referencial não altera o valor de verdade da proposição expressa pela sentença.

De acordo com a Tese 4, o nome ‘Superman’ em ‘Superman voa.’ pode ser substituído por ‘Clark Kent’, cujo resultado é ‘Clark Kent voa.’, sem que o valor de verdade da última sentença seja diferente do valor de verdade da sentença original. Essa tese é verdadeira na Teoria da Referência Direta justamente porque ela defende que a única contribuição semântica de nomes próprios é o seu próprio referente. Então não importa se usamos ‘Superman’ ou ‘Clark Kent’, expressaremos a mesma proposição, ou seja, as mesmas condições de verdade. Portanto, se ‘Superman voa.’ expressa uma proposição verdadeira, então ‘Clark Kent voa.’ - o resultado da substituição de ‘Superman’ por ‘Clark Kent’ - também é verdadeira.

No caso das sentenças que usei para ilustrar o princípio, a Teoria da Referência Direta não aparenta ter problemas. Em certa medida é intuitivo que ‘Superman voa.’ tenha sempre o mesmo valor de verdade que ‘Clark Kent voa.’. Entretanto, existem pares de sentenças que aparentemente violam e, conseqüentemente, falsificam a tese 4. Considere a sentença ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’ De acordo com a estória tal como escrita por Jerry Siegel, dizemos que sentença é verdadeira porque a proposição expressa por ela é verdadeira. Pela Tese 4 e do fato que ‘Superman’ e ‘Clark Kent’ são nomes co-referenciais, deveríamos poder substituir o primeiro pelo segundo, e a sentença resultante seria verdadeira -o mesmo valor de verdade que a sentença original. Contudo, intuitivamente, não é isso que acontece. Fazendo a substituição dos nomes ficamos com a sentença ‘Lois Lane acredita que Clark Kent voa.’ E de acordo com a estória, não é o caso que Lois Lane acredita que Clark Kent voa. Onde se segue que esta última sentença é, em realidade, falsa, contrário ao que é afirmado na Tese 4.

Aqui, então, temos um exemplo da primeira versão do Enigma de Frege: como é possível que as sentenças ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’ e ‘Lois Lane acredita que Clark Kent voa.’ tenham valores de verdade diferentes sendo que ‘Superman’ e ‘Clark Kent’ são co-referenciais? Aparentemente esse fenômeno suporta a ideia que existe alguma outra coisa além do referente de nomes próprios, que é relevante para o valor de verdade de sentenças. Mas o que mais poderia ser relevante para o valor de verdade de sentenças?

Essa versão do enigma de Frege, ou o fenômeno a ser explicado, não aparece apenas no caso do verbo *acreditar*. Na verdade ele pode aparecer em quaisquer pares de sentença contendo verbos que expressam *atitudes proposicionais* com nomes co-referenciais em seu escopo. Verbos que expressam atitudes proposicionais são aqueles que expressam uma relação entre um sujeito e uma proposição. No caso de ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’, ‘acreditar’ é o verbo que expressa uma atitude proposicional, e ele relaciona Lois Lane (referido por ‘Lois Lane’) com a proposição $\langle \text{ Superman voa. } \rangle$ (expressa por ‘que Superman voa’).

Aqui, *acreditar* é a atitude que Lois Lane têm com relação à proposição $\langle \text{voar} \rangle$. Outros verbos que expressam atitudes proposicionais são: ‘desejar’, ‘saber’, e (em geral) outros verbos seguidos de ‘que’ e uma sentença declarativa. Todos eles podem, a princípio, gerar um exemplo do fenômeno explicado acima: ‘Lois Lane *deseja* que Superman conceda uma entrevista.’ é verdadeira mas ‘Lois Lane *deseja* que Clark Kent conceda um entrevista.’ é falsa; ‘Lois Lane *sabe* que Clark Kent trabalha no Daily Planet’ é verdadeira mas ‘Lois Lane *sabe* que Superman trabalha no Daily Planet’ é falsa; etc.

De forma geral, o fenômeno a ser explicado pela primeira versão do enigma de Frege é: suponha que ‘cog’ represente um verbo de atitude proposicional (*acreditar*, *desejar*, etc.) e ‘P’ e ‘P’” sentenças declarativas cuja única diferença é possuírem distintos nomes co-referenciais. Como é possível que pares de sentenças do tipo ‘S cog P’ e ‘S cog P’” tenham diferentes valores de verdade?

Essa versão do Enigma de Frege gera um problema sério para a Teoria da Referência Direta. Relembremos que a Tese 4 é implicada pela Tese 1 (Princípio de Composicionalidade) junto com a Tese 2 (tese característica da teoria). Entretanto o Enigma sugere que a Tese 4 é falsa. Logo, para evitar o comprometimento com essa falsa tese, precisamos rejeitar a Tese 1 ou a Tese 2. Mas a Tese 1 é aparentemente não problemática. Portanto, se os contra exemplos à Tese 4 realmente existem, só nos resta rejeitar a Tese 2, a tese característica da teoria da referência direta. Em outras palavras, se tais exemplos existem, então nos resta apenas rejeitar a Teoria da Referência Direta.


4. Segunda versão do Enigma de Frege

A segunda versão do Enigma de Frege está de alguma forma relacionada com a Tese 4 mas diz respeito não ao valor de verdade de sentenças mas sim ao seu *valor cognitivo* ou *informatividade*. Essa versão do enigma é a que encontramos logo no começo do artigo de Frege.

Frege argumenta que sentenças cuja forma gramatical é ‘a é a’ e sentenças como ‘a é b’ têm diferentes valores informativos, ainda que ‘a’ e ‘b’ sejam nomes próprios que se refiram ao mesmo objeto². Por exemplo, se Lois Lane passa a acreditar no que é expresso

2 - Em seu artigo, Frege oferece exemplos de pares de sentença onde o enigma surge envolvendo descrições definidas. Aqui eu vou alterar o exemplo de Frege e usar apenas nomes próprios porque atualmente é mais comum encontrar teorias que aceitam que o enigma surge no caso de nomes próprios do que teorias que aceitem que o enigma surge no caso de descrições definidas. A razão disso é que grande parte das teorias semânticas não classificam descrições definidas como termos singulares como Frege defendia. E o Enigma de Frege só surge no caso de descrições definidas se as considerarmos termos singulares.

por ‘Superman é Superman,’ ela não adquire nenhum conhecimento relevante sobre o mundo. Além disso, essa sentença é apenas uma instância do princípio de identidade - todo objeto é idêntico a si mesmo -, e sabemos da sua verdade de forma *a priori*. Por outro lado, o mesmo não é verdade da sentença ‘Superman é Clark Kent.’ Esta última é informativa em um sentido em que a primeira não é. Se Lois Lane começar a acreditar no conteúdo expresso por essa sentença, haverá uma alteração significativa no seu sistema de crenças: todas aquelas propriedades e relações que ela acreditava pertencer a Superman passarão a ser atribuídas também a Clark Kent, e vice-versa. Além do mais, é razoável supor que o conhecimento de que Superman é Clark Kent depende de investigações empíricas, e é difícil ver como poderia ser obtido de outra forma, quer dizer, sem investigações empíricas. Portanto, sabemos da identidade ‘Superman é Clark Kent.’ de forma *a posteriori*.

O enigma nesse caso é: como é possível que sentenças do tipo ‘a é a’ sejam conhecíveis *a priori* e não informativas³, enquanto que sentenças como ‘a é b’ são conhecíveis *a posteriori* e informativas, sendo que ‘a’ e ‘b’ são termos singulares *co-referenciais*? Dado que ‘Superman’ e ‘Clark Kent’ se referem à mesma pessoa, a saber, , por que ‘Superman é Superman.’ não é informativa e é conhecida sem qualquer investigação enquanto que ‘Superman é Clark Kent.’ é informativa e demanda investigação? Como explicar a diferença com relação à informatividade e modo de conhecimento do conteúdo dessas duas sentenças se o referente dos nomes é o mesmo?

Essa versão do enigma de Frege também pode ser usada como base para uma objeção à Teoria da Referência Direta. De acordo com essa teoria, a proposição expressa pelas sentenças ‘Superman é Superman.’ e ‘Superman é Clark Kent.’ é a mesma, a saber, $\langle \text{stick figure}, \text{stick figure} \rangle$, *identidade*, $\langle \text{stick figure}, \text{stick figure} \rangle$, tal que ‘*identidade*’ representa a relação de identidade entre dois objetos. Ademais, se o que se supõe ser duas proposições são na verdade uma e a mesma, então elas deveriam ter as mesmas propriedades epistêmicas (ser conhecível *a priori* ou *a posteriori*) e valores informativos (ser informativa ou não informativa). Contudo, isso não é o caso na Teoria da Referência Direta porque, intuitivamente, a primeira é *a priori* e não informativa, mas a segunda é *a posteriori* e informativa. Portanto, se o fenômeno descrito aqui é legítimo, então devemos rejeitar a Teoria da Referência Direta, afinal ela não explica como é possível as duas sentenças terem propriedades diferentes.

Existem algumas alternativas disponíveis para salvar a teoria da referência direta do problema posto pelas duas versões do Enigma de Frege - claro, nem todas são igualmente

3 - Quando digo que sentenças do tipo ‘a é a’ são não informativas quero dizer que elas não são informativas no mesmo sentido em que sentenças do tipo “a é b” são. Mas com isso não quero comprometer Frege com a afirmação que sentenças do tipo ‘a é a’ não tem nenhum valor informativo. O que Frege de fato defende é que sentenças desses dois tipos têm valores informativos diferentes. Mas é possível que Frege pensasse que tais sentenças tenham algum valor informativo, ainda que diferente do valor informativo de sentenças como “a é b”.

satisfatórias. Elas vão desde pequenas alterações no modo de entender algumas teses – como as teorias propostas por Salmon – até alterações radicais que envolvem a rejeição da Tese 2, a tese característica da teoria da referência direta – como a teoria proposta por Frege. Nas seções seguintes irei apresentar duas soluções para as duas versões do Enigma de Frege.

5. Teoria Fregeana do Significado

Já que o enigma foi proposto por Frege, primeiro apresentarei sua explicação do fenômeno e a resposta ao problema gerado para a teoria da referência direta. De modo geral, a ideia de Frege é a seguinte: já que os pares de sentença ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’/‘Lois Lane acredita que Clark Kent voa.’ e ‘Superman é Superman.’/‘Superman é Clark Kent.’ têm propriedades diferentes, então elas expressam proposições diferentes - e não a mesma proposição como afirma a Teoria da Referência Direta. Com isso, Frege rejeita a Tese 2, a tese característica da Teoria da Referência Direta que afirma que o conteúdo semântico de um nome próprio é apenas o referente. Ao invés disso, ele sustenta que:

(Tese 2*) O conteúdo semântico de nomes próprios é constituído por um *sentido* e um referente (se houver).

Quer dizer, Frege sustenta que, além do referente, o conteúdo semântico de um nome também inclui um sentido que é um modo de apresentação do seu referente.

O *sentido* de uma expressão linguística é, para Frege, aquilo que um falante competente naquele idioma apreende quando ele entende o significado da expressão linguística. Por exemplo, quando um falante competente na língua portuguesa entende o nome ‘Superman’, ele apreende um certo conteúdo, que não é Superman ele mesmo, mas um conteúdo cognitivo que *apresenta* e é satisfeito por Superman. Esse conteúdo é o que Frege chama de ‘sentido’.

Em uma famosa nota de rodapé, Frege oferece um exemplo de como ele entende o sentido de um nome (p. 159, nota 4, tradução minha):

No caso de um nome próprio real como ‘Aristóteles’, opiniões a respeito do [seu] sentido podem diferir. Ele pode ser, por exemplo, tomado como o seguinte: o pupilo de Platão e professor de Alexandre o Grande. Qualquer pessoa que associe esse sentido irá associar um sentido diferente à sentença ‘Aristóteles nasceu em Estagira.’ ao sentido que será associado por alguém que toma [o seguinte sentido] como sentido do nome [‘Aristóteles’]: o professor de Alexandre o Grande que nasceu em Estagira. Contanto que o referente se mantenha o mesmo, tais variações no sentido podem ser toleradas, apesar de que elas devem ser evitadas na estrutura teórica de ciências demonstrativas [como matemática e outras ciências] e não devem ocorrer numa linguagem perfeita.

Um modo comum de entender uma das coisas que Frege diz nessa nota de rodapé é que o sentido de um nome próprio deva ser identificado com o sentido de uma descrição definida⁴. Nesse caso, um possível sentido expresso por ‘Superman’ é *a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça*; e para ‘Clark Kent’, o sentido pode ser *o jornalista do Planeta Diário apaixonado por Lois Lane*. Já no caso de ‘Aline’, o sentido pode ser *a aluna de doutorado da UFPR que estuda Wittgenstein*. E assim por diante. Exatamente qual sentido uma pessoa irá apreender quando entender o nome ‘Superman’, ‘Clark Kent’, ‘Aline’, etc. pode variar dependendo das outras crenças que ela tem do referente do nome. Os sentidos apresentados aqui são apenas sugestões.

É importante ressaltar que apesar de Frege admitir uma variação no sentido apreendido por diferentes sujeitos quando eles entendem um nome, ele acredita que o sentido é *objetivo*. Isso quer dizer que um sentido deve ser, pelo menos a princípio, capaz de ser apreendido por qualquer pessoa. Por exemplo, suponha que quando Aline entende o nome ‘Superman’, ela apreende o sentido *a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça*. Como sentidos são objetivos, então isso quer dizer que a princípio é possível que eu apreenda o mesmo sentido que Aline ainda que eu não apreenda o mesmo sentido nesse momento – suponha que nesse momento eu apreendo o sentido *o ser ficcional que voa criado por John Siegel*. Portanto, o sentido não pode ser identificado com sentimentos ou imagens mentais que Aline tem de Superman, pois esses não são compartilháveis. Isso quer dizer, entre outras coisas, que o sentido de ‘Superman’ que Aline apreende não pode ser identificado com a “foto” mental de Superman que ela tem na memória. “Fotos” mentais ou esse “filme” que passa na nossa mente quando temos experiências do mundo através dos nossos sentidos

4 - Para alguns filósofos, não é claro que Frege de fato quis dizer que o sentido de um nome é o sentido de uma descrição definida. Para interpretações alternativas, ver Dummett (1981, 1991) e Evans (1982)

não são acessíveis a ninguém mais além da pessoa que as têm.

Tudo o que foi dito a respeito de nomes próprios pode ser estendido para predicados. Eles têm um sentido que é um modo de apresentação do seu referente, uma propriedade (se houver). Mas essa discussão vai ser deixada de lado.

Agora que sabemos em linhas gerais o que é um sentido, podemos compreender melhor a Teoria Fregeana do Significado. Frege aceita a Tese 1: o conteúdo semântico expresso por uma sentença é determinado pelo conteúdo semântico expresso por suas expressões linguísticas básicas. Mas diferente da Teoria da Referência Direta, Frege acredita que esse conteúdo expresso por uma sentença é determinado pelos sentidos expressos por suas expressões básicas e não só seus referentes. No caso do conteúdo semântico expresso pela sentença ‘Superman voa,’ o sentido é determinado pelo sentido ‘Superman’ e pelo sentido de ‘voar’: $\langle mda_{SM}, mda_{voa} \rangle$, tal que ‘ mda_{SM} ’ representa o sentido *a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça*, e ‘ mda_{voa} ’ representa o sentido de ‘voar’. Já o seu referente é determinado pelos referentes de ‘Superman’ e ‘voar’. Para Frege, e aqui temos uma afirmação bastante contra-intuitiva, o referente de sentenças são *valores de verdade*. Frege admite apenas dois diferentes valores de verdade: o Verdadeiro e o Falso. Portanto, todas as sentenças verdadeiras têm o mesmo referente, a saber, o Verdadeiro. Tanto ‘Superman voa,’ ‘Superman é Superman.’ quanto ‘ $2 + 2 = 4$ ’ e ‘A neve é branca.’ se referem ao mesmo objeto, apesar de terem sentidos diferentes. E todas as sentenças falsas têm o mesmo referente, a saber, o Falso.

Antes de continuar a explicação de como a teoria de Frege soluciona a segunda versão do Enigma de Frege, eu gostaria de fazer uma clarificação terminológica. Apesar de Frege defender que o conteúdo semântico de uma sentença é constituído pelo seu sentido e pelo seu referente, o que hoje em dia chamamos de ‘proposição’ usualmente se refere apenas ao que é o *sentido* da sentença na teoria de Frege. Quando eu usar as expressões ‘conteúdo semântico’ ou ‘proposição’ daqui em diante para falar da teoria de Frege, estarei me referindo apenas ao sentido de uma sentença. Quando o referente da sentença for relevante para discussão, irei me referir a ele explicitamente como ‘referente da sentença’ e não como ‘conteúdo semântico da sentença’, apesar de Frege considerar o referente da sentença uma parte do seu conteúdo semântico.

Com o que foi explicado da teoria de Frege até agora já podemos ver sua solução para a segunda versão do Enigma de Frege. O enigma nesse caso era como explicar que as proposições expressas por ‘Superman é Superman.’ e ‘Superman é Clark Kent.’ têm diferentes propriedades epistêmicas (a primeira é *conhecível a priori* enquanto a segunda não) e valor informativo (a primeira não é informativa enquanto a segunda é). De acordo

com a Teoria Fregeana, não há nenhum mistério nessa diferença.

As duas sentenças de identidade expressam proposições diferentes para Frege porque pelo menos uma de suas expressões básicas têm sentidos diferentes, a saber, 'Superman' e 'Clark Kent'.

Como vimos anteriormente, 'Superman é Superman.' expressa a proposição $\langle mda_{SM} \text{ identidade}, mda_{SM} \rangle$ - «a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça é a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça». Mas a sentença 'Superman é Clark Kent,' expressa uma proposição diferente: $\langle mda_{SM} \text{ identidade}, mda_{CK} \rangle$, tal que ' mda_{CK} ' representa o sentido o jornalista do Planeta Diário apaixonado por Lois Lane, que é diferente de mda_{SM} - «a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça é o jornalista do Planeta Diário apaixonado por Lois Lane». Mas como 'Superman' e 'Clark Kent' possuem o mesmo referente, o referente das sentenças 'Superman é Superman.' e 'Superman é Clark Kent.' se mantém o mesmo, ou seja, ambas terão necessariamente o mesmo valor de verdade.


Em suma, a razão pela qual as sentenças de identidade aqui analisadas diferem com relação a propriedades epistêmicas e informativas é que seus conteúdos semânticos são diferentes. Assim, o primeiro Enigma desaparece.

Com o que temos até agora ainda não é possível explicar a diferença no valor de verdade das sentenças 'Lois Lane acredita que Superman voa.' e 'Lois Lane acredita que Clark Kent voa.' na teoria de Frege. Como o valor de verdade de uma sentença é determinado pelo referente das expressões que a compõe, para permitir uma diferença no valor de verdade dessas sentenças, precisamos garantir que os referentes de 'Superman' e 'Clark Kent' sejam diferentes. Mas o que temos da teoria de Frege até agora é apenas a garantia que seus sentidos são diferentes, e diferentes sentidos não necessariamente garantem diferentes referentes.

Para assegurar que os referentes de 'Superman' e 'Clark Kent' nas sentenças acima sejam diferentes, Frege propõe a seguinte tese:

(Tese 5) Verbos que expressam atitudes proposicionais criam contextos indiretos.



Contextos indiretos são contextos criados por certas expressões, como aquelas que expressam atitudes proposicionais, que mudam o conteúdo semântico das expressões que aparecem no seu escopo. Por exemplo, em contextos *transparentes* (quer dizer, não indiretos), como em 'Superman voa.,' o nome 'Superman' expressa um sentido mda_{SM} (também

chamado de ‘sentido ordinário’) e se refere a . Em contextos indiretos, por outro lado, o sentido expresso por ‘Superman’ muda. Quando no escopo de apenas uma expressão que gera contextos indiretos, o sentido expresso por ‘Superman’ muda para mda_{SM}^1 e o referente passa a ser mda_{SM} o sentido em contextos transparentes. Esse é o caso quando o nome ‘Superman’ é usado em ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’ Se adicionarmos outro verbo que expressa atitudes proposicionais a esta última sentença, como em ‘Aline sabe que Lois Lane acredita que Superman voa.’, então ‘Superman’ passa a expressar um outro sentido mda_{SM}^2 , que é diferente tanto de mda_{SM}^1 quanto mda_{SM} , e se refere ao sentido mda_{SM}^1 . E se adicionarmos ainda outro verbo que expressa atitude proposicional, então ‘Superman’ passa a expressar o sentido mda_{SM}^3 , que é diferente de todos os outros mencionados até agora, e se refere a mda_{SM}^2 . E assim sucessivamente.

Com isso podemos finalmente solucionar a primeira versão do Enigma. Lembremos que o enigma é o de explicar como é possível que as sentenças ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’ e ‘Lois Lane acredita que Clark Kent voa.’ possuem valores de verdade diferentes sendo que ‘Superman’ e ‘Clark Kent’ são nomes co-referenciais. Na Teoria Fregeana, esses nomes não são mais co-referenciais quando em contextos indiretos. Em ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’, o nome ‘Superman’ expressa o sentido mda_{SM}^1 e se refere a mda_{SM} . Em ‘Lois Lane acredita que Clark Kent voa.’, o nome ‘Clark Kent’ expressa o sentido mda_{CK}^1 – modo de apresentação do sentido ordinário do nome - e se refere a mda_{CK} .

Nesse caso, a proposição expressa pela primeira sentença é $\langle mda_{LL}, mda_{acreditar}, \langle mda_{SM}^1, mda_{voa}^1 \rangle \rangle$, sendo que mda_{LL} , $mda_{acreditar}$, mda_{voa}^1 são sentidos que expressam modos de apresentação de Lois Lane, da relação de acreditar e do sentido ordinário de ‘voar’, respectivamente. E ela é verdadeira se os objetos que satisfazem os sentidos estão relacionados da maneira representada na proposição. Ou seja, se Lois Lane acredita em $\langle mda_{SM}^1, mda_{voa}^1 \rangle$, a proposição expressa pelo sentido ordinário de ‘Superman voa.’). Como isso é o caso de acordo com a estória, então ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’ é verdadeira.

A proposição expressa pela segunda sentença é $\langle mda_{LL}, mda_{acreditar}, \langle mda_{CK}^1, mda_{voa}^1 \rangle \rangle$. E ela é verdadeira se Lois Lane acredita em $\langle mda_{CK}^1, mda_{voa}^1 \rangle$, a proposição expressa pelo sentido ordinário de ‘Clark Kent voa.’. Como isso não é o caso de acordo com a estória, então ‘Lois Lane acredita que Clark Kent voa.’ é falsa.

Na Teoria Fregeana do Significado, as duas sentenças que reportam crenças da Lois Lane podem, então, ter dois valores de verdade diferentes porque expressam condições de verdade diferentes satisfeitas por objetos diferentes. Quando Lois Lane pensa em  como *a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça*, ela acredita que ele voa. Mas quando ela pensa em  como *o jornalista do Planeta Diário apaixonado por Lois Lane*, ela não acredita



que ele voa. A razão disso? Lois Lane não sabe que Superman é Clark Kent. Essa é uma explicação não apenas aparentemente consistente, como também bastante intuitiva para a diferença no valor de verdade das sentenças.

6. Problemas para a solução de Frege





A solução de Frege para as duas versões do enigma parece ser bem atrativa. Mas não devemos aceitá-la sem antes examinarmos alguns dos problemas levantados na literatura. Aqui irei apresentar três problemas intimamente ligados com a solução para os Enigma: a dificuldade de Frege de explicar o que é um sentido; a geração de uma cadeia infinita de sentidos e o problema gerado pela variação de sentido de um nome. Esses não são necessariamente os principais problemas da teoria fregeana como um todo. A teoria tem outros problemas não diretamente relacionados com os enigmas discutidos aqui, como os conhecidos Argumento Modal, Argumento Semântico e o Argumento Epistemológico – famosamente apresentados por Saul Kripke (1980) e extensamente discutidos.

6.1. O que é um sentido?

A solução de Frege depende substancialmente de *sentidos* de expressões linguísticas que são *modos de apresentação* de objetos referidos por elas. Para avaliarmos sua solução, precisamos primeiro saber o que ele entende por sentido para então verificar se é realmente possível que haja sentidos e que eles tenham o papel que lhes é atribuído. Portanto, é razoável exigirmos de Frege uma explicação detalhada dessas entidades. Aqui, então, temos o primeiro grande problema para sua teoria.

Em seu artigo, Frege não explica em detalhes o que são sentidos. Como vimos anteriormente, ele afirma que sentidos são a) objetivos, b) aquilo que apreendemos quando entendemos uma expressão linguística. Além disso, Frege afirma que c) sentidos determinam o referente de uma expressão linguística pelo fato deste satisfazer o sentido associado a ela –  é o referente de ‘Superman’ porque  satisfaz o sentido daquele nome. Mas isso é muito vago. Devemos ainda nos perguntar como exatamente sentidos determinam um referente, qual é sua natureza, e como eles são capazes de explicar os Enigmas de Frege.

Com relação ao modo como sentidos determinam um referente, um modo bastante

comum de entender o funcionamento de sentidos é explicá-los em termos de descrições definidas, como fiz quando introduzi a noção de sentido na seção anterior. Uma descrição definida expressa uma condição a ser satisfeita por um e apenas um objeto (se houver tal objeto). No caso de ‘a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça’, a condição a ser satisfeita é a de ser uma pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça. Como apenas  satisfaz essa condição, então a descrição definida determina . Da mesma forma, o sentido de ‘Superman’ expressa uma condição que é satisfeita apenas por . Por isso  é o referente de ‘Superman’.

Se entendermos essa explicação como uma analogia entre o funcionamento de sentidos e descrições definidas, então ela me parece ser bastante consistente com o que Frege afirma em seus textos. A analogia não nos compromete com a controversa afirmação que sentidos são de fato o conteúdo de descrições definidas e, portanto, necessariamente envolvendo conceitos. Pela analogia, o sentido poderia ser como o conteúdo de uma foto: conteúdo que não pode ser expresso usando apenas conceitos, mas que tem condições de satisfação – por exemplo, uma foto minha em frente a uma casa é uma representação de mim (e de uma casa em particular) e não de Bill Gates, apesar de seu conteúdo não poder ser completamente capturado por meio de descrições.

Com relação à natureza de sentidos, Frege argumenta que sentidos são únicos porque não são entidades do *mundo interior*, nem entidades do *mundo exterior*. Para Frege, entidades do mundo interior são aquelas que dependem de alguém “ter elas em mente” para existir. Por exemplo, essa voz interna que o leitor está “ouvindo” enquanto lê este artigo só existe na medida em que o leitor a tem em mente. Se o leitor para de ouvir essa voz interior, ela deixa de existir. O mesmo é o caso de todas as nossas sensações. A dor de cabeça que eu tenho só existe na medida em que eu sinto ela. Se eu deixo de senti-la, ela não continua “voando” por aí até alguém “pegar” ela. Pelo contrário, ela simplesmente deixa de existir. Além do mais, essas entidades mentais não são compartilháveis. Como Frege diz (1956) “Nenhuma outra pessoa sente a minha dor.” A dor de cabeça que tenho agora é minha e apenas minha. As pessoas podem sentir simpatia por mim, mas não podem sentir minha dor.

Já as entidades do mundo exterior são objetos concretos, como carros, árvores, etc. Esses objetos existem independente de alguém percebê-los, e interagem causalmente entre si. Um animal que mora em uma parte inexplorada do fundo mar e que por isso nunca foi visto por ninguém continua existindo. Sua casa continua existindo quando você sai de manhã para trabalhar mesmo que você more no meio da floresta e não tenha ninguém para vê-la enquanto você não a está vendo. Nós não contratamos pessoas para *perceber* nosso carro de noite a fim de ter certeza que ele estará lá no dia seguinte (podemos contratar pessoas para

vigiar os carros e ter certeza que ninguém os roube, mas esse não é um problema metafísico).

Por um lado, afirma Frege, sentidos não podem fazer parte do reino mental. Proposições existem (e possuem valores de verdade) independentemente de serem apreendidas por alguém. Possivelmente existe um número infinito de proposições e muitas delas não serão nunca apreendidas por alguém. Além disso, como expliquei anteriormente, sentidos são compartilháveis e comunicáveis: tanto eu quanto Aline podemos apreender o mesmo sentido quando entendemos o nome ‘Superman’. Por outro lado, para Frege sentidos obviamente não são entidade do mundo exterior; eles não são concretos nem interagem causalmente com carros, ou casas. Portanto, Frege conclui que *sentidos* são *suis generis* e fazem parte de um terceiro reino de objetos, possivelmente o reino dos objetos abstratos junto com números, propriedades, etc.

Alguns dos vários problemas apontados com a conclusão desse argumento é que mesmo sabendo que sentidos fazem parte do terceiro reino, eles continuam sendo misteriosos, e foram postulados *apenas* com a finalidade de ser o conteúdo semântico de expressões linguísticas. Essa afirmação parece ser *ad hoc* a não ser que tenhamos bons argumentos contra as posições alternativas - como que sentidos sejam conceitos ou propriedades - o que não é claro que Frege tenha oferecido⁵. É evidente em seus artigos que ele não gostaria que sentidos fossem conceitos, mas não tão claro se ele oferece boas razões pra isso.

Também não é claro como a essas entidades misteriosas oferecem uma solução para os Enigmas. Justamente por não sabermos o que são sentidos, a explicação de Frege desperta mais perguntas do que responde, enquanto que uma explicação satisfatória do fenômeno deveria fazer o contrário. Explicar um fenômeno *A* recorrendo a *B* sem que tenhamos entendimento prévio de *B* nos faz questionar o que é *B*. Por isso uma explicação envolvendo *B* não é considerada uma explicação satisfatória. No caso de Frege, ele propõe uma explicação do fenômeno presente nos Enigmas recorrendo a noção de sentido. Mas como não temos conhecimento prévio do que é um sentido e Frege também não oferece uma explicação, não é claro que ganhamos uma compreensão do fenômeno por trás dos Enigmas. Sem saber o que são sentidos, não é claro exatamente *como* ‘Superman é Superman.’ e ‘Superman é Clark Kent.’ diferem em valor informativo. Esse problema é bastante embaraçoso para Frege e, se não solucionado, pode realmente por em risco sua teoria.

Um modo bastante comum de responder a essa objeção é identificar sentidos de nomes próprios como o conteúdo descrições definidas, o modo como apresentei a teoria

5 - Um dos motivos que Frege oferece para defender que sentidos não são conceitos é que conceitos podem ser apreendidos por meio de sentidos. Em outras palavras, conceitos possuem modos de apresentação assim como objetos do mundo físico. Mas esse não me parece ser um bom motivo para chegar a essa conclusão porque sentidos também possuem modos de apresentação: mda_{CK}^1 é modo de apresentação de mda_{CK} .

de Frege. Essa interpretação é inspirada no tratamento de nomes próprios proposto por Russell⁶. Teorias que seguem essa linha são chamadas de ‘Teorias Descritivistas’. Mas essa é provavelmente uma interpretação incorreta de Frege, como já mencionado anteriormente e na nota de rodapé 3.

Sob essa interpretação, nomes próprios são, na verdade, abreviações de uma ou mais descrições definidas, que pode ou não variar de falante para falante. *Teorias Descritivistas Simples* sugerem que nomes próprios sejam abreviações de uma descrição definidas. Nesse caso, ‘Superman’ é uma abreviação da descrição ‘a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça’. E a sentença ‘Superman voa.’ é uma abreviação de ‘A pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça voa.’. De forma análoga, o nome ‘Clark Kent’ abrevia a descrição ‘o jornalista do Planeta Diário apaixonado por Lois Lane’, e a sentença ‘Clark Kent voa.’ abrevia a sentença ‘O jornalista do Planeta Diário apaixonado por Lois Lane voa.’.


Sentidos, então, são da mesma natureza que conceitos como o conceito *vermelho*. E apreendemos sentidos da mesma maneira que apreendemos conceitos. Claro, *conceitos* não são exatamente entidades das quais temos conhecimento pleno. Portanto, em certa medida, o problema da explicação satisfatória apresentada alguns parágrafos atrás pode reaparecer. Mas uma vantagem dessa interpretação é que pelo menos já temos uma discussão em andamento sobre o que são conceitos. Então de fato sabemos um pouco mais sobre eles do que sobre *sentidos*.

Com essa interpretação também temos mais claro como sentidos de fato explicam o fenômeno por trás do Enigma. ‘Superman é Superman.’ e ‘Superman é Clark Kent.’ expressam proposições com conceitos diferentes. A primeira diz que «a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça é a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça». Os mesmos conceitos (organizados da mesma forma) estão envolvidos nos dois lados a identidade. Então essa é uma informação trivial. A segunda diz que «a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça é o jornalista do Planeta Diário apaixonado por Lois Lane». Essa informação não é trivial; conceitos diferentes estão envolvidos nos dois lados da identidade.

Da mesma forma temos a explicação para a segunda versão do Enigma. ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’ e ‘Lois Lane acredita que Clark Kent voa.’ podem ter referentes diferentes, quer dizer, valores de verdade diferentes porque as expressões que compõem cada sentença se referem a objetos diferentes: ‘Superman’ se refere a mda_{SM} e ‘Clark Kent’ se refere a mda_{CK} .

Teorias descritivistas são geralmente inspiradas na teoria das descrições de Russell


6 - Ver Russell (1910-1911).

(1905, 1910-1911), e o seu maior defensor é muito provavelmente John Searle (1958). A versão de Searle é mais conhecida como ‘Teoria dos Feixes de Descrições’ (*‘Cluster Theory’*) porque propõe que nomes próprios abreviem um conjunto de descrições definidas ao invés de abreviar apenas uma descrição. Para ele ‘Superman’ é associado com um conjunto de descrições, por exemplo, {a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça, o super-herói criado por John Siegel, o filho de Jor-El, o habitante do planeta Terra que voa, etc.}, sendo que uma quantidade suficiente dessas descrições, mas não necessariamente todas, é satisfeita pelo seu referente, i.e., .⁷

Uma das vantagens da teoria de Searle com relação à Teoria Descritivista Simples é que ela dá conta de alguns problemas levantados para essa última⁸. Por exemplo, se ‘Superman’ abrevia a descrição ‘a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça’, então ‘Superman veste cuecas vermelhas por cima da calça.’ é uma abreviação de ‘A pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça veste cuecas vermelhas por cima da calça.’ Essa sentença expressa uma verdade analítica; quer dizer, sabendo o significado das palavras envolvidas, sabemos que a sentença é verdadeira - do mesmo modo que ‘Solteiros são não casados.’ é analítica. Entretanto, é absurdo dizer que ‘Superman veste cuecas vermelhas por cima da calça.’ é uma verdade analítica. Uma pessoa pode muito bem saber o que ‘Superman’ significa e não saber se essa sentença é verdadeira ou falsa. Logo, ‘Superman’ não pode abreviar a descrição ‘a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça’ e a Teoria Descritivista Simples é falsa.

Na teoria de Searle a sentença ‘Superman veste cuecas vermelhas por cima da calça.’ não é analítica, como não deve ser. Isso porque, grosso modo, ela abrevia a sentença não analítica ‘A pessoa que satisfaz uma quantidade suficiente das descrições: a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça, o super-herói criado por John Siegel, o filho de Jor-El, o habitante do planeta Terra que voa, etc. veste cuecas vermelhas por cima da calça.’ Apesar de engenhosa, a teoria de Searle recebeu críticas fortes desde que foi proposta⁹.

Independente dos problemas com a noção de *sentido* proposta por Frege, é inegável que a ideia geral da Teoria Fregeana de recorrer a modos de apresentação para explicar a intuição de que há algo de enigmático nos pares de sentença é bastante atrativa. Mesmo as teorias adversárias, como a Teoria da Referência Direta, usam sentidos enquanto modos

7 - Searle deixa em aberto qual é o número suficiente de descrições que precisam ser satisfeitas para que ‘Superman’ se refira a . Em seu artigo (1958) ele parece sugerir que esse número é determinado contextualmente. Deixo essa discussão de lado porque ela não é pertinente a teorias sobre o conteúdo semântico de nomes próprios, que é o tópico desse artigo, mas sim a teorias que explicam como nomes próprios se referem a objetos. Para mais sobre a distinção ver Kripke (1980)

8 - Para mais objeções, ver Kripke (1980).

9 - Ver Kripke (1980) e Putnam (1975).

de apresentação a fim de salvar-se do problema posto pelos Enigmas. A principal diferença é que, enquanto Frege defende que sentidos fazem parte do conteúdo semântico (das condições de verdade de sentenças), as teorias da referência direta normalmente colocam o sentido em outro tipo de conteúdo que não semântico. Veremos como isso é posto em prática em detalhes na seção 7.

6.2. Cadeia Infinita de Sentidos

Outro problema levantado contra a teoria fregeana é a geração de uma cadeia a princípio infinita de sentidos gerada a partir de iterações de verbos que expressam atitudes proposicionais. Focando apenas no sentido do nome ‘Superman’, na sentença ‘Superman voa.’ ele expressa o sentido mda_{SM} e se refere a Λ . Quando colocamos esta sentença no escopo de um verbo que expressa atitude proposicional, como ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’, o nome ‘Superman’ agora expressa um sentido diferente, mda_{SM}^1 e se refere a mda_{SM} . Se colocarmos essa última sentença no escopo de outro verbo que expressa uma atitude proposicional, como em ‘Aline sabe que Lois Lane acredita que Superman voa.’, o nome ‘Superman’ expressa outro sentido mda_{SM}^2 e se refere a mda_{SM}^1 . E assim sucessivamente. Do ponto de vista gramatical, podemos *sempre* adicionar um novo verbo que expressa atitude proposicional a uma sentença. E toda vez que adicionamos um novo verbo, ‘Superman’ expressa um novo sentido. Isso quer dizer que o nome ‘Superman’ expressa um conjunto infinito de sentidos: um sentido ordinário (mda_{SM}), e um sentido para cada verbo que expressa atitude proposicional adicionado a sentença ‘Superman voa.’ (mda_{SM}^1, mda_{SM}^2 , etc.).

À primeira vista, essa cadeia infinita de sentidos por si só não é problemática. O problema surge quando pensamos sobre a relação entre sentidos e o modo como aprendemos uma linguagem.

Linguagens naturais (como português, inglês, espanhol, etc.) são tais que se uma pessoa sabe o significado de ‘Lois Lane’, ‘Superman’, ‘ x voa’ e ‘ x ama y ’, então, em casos normais, essa pessoa também sabe o significado das seguintes sentenças: ‘Superman voa.’, ‘Lois Lane voa.’, ‘Lois Lane ama Superman.’, ‘Lois Lane ama Lois Lane’, ‘Superman ama Superman.’ e ‘Superman ama Lois Lane.’ Uma pessoa que sabe o significado daquelas quatro expressões linguísticas é capaz de entender seis sentenças diferentes. É essencial para explicar nossa capacidade de entender sentenças novas que as linguagens naturais tenham essa propriedade. Se assim não fosse, toda vez que fôssemos apresentados a uma sentença com a qual nunca nos deparamos antes, seria necessário aprender um novo significado. Mas isso

é contra intuitivo. Existe uma boa probabilidade de o leitor nunca ter escutado a sentença ‘Papai Noel é parente do Bill Gates.’ antes. Mesmo assim o leitor é capaz de entender o significado dessa sentença porque já sabe do significado das expressões ‘Papai Noel’ ‘ser parente de’ e ‘Bill Gates’ separadamente. Ou seja, o leitor consegue entendê-la sem precisar aprender nada a respeito do português. Contudo, como vou argumentar no parágrafo seguinte, não parece ser possível que a linguagem natural funcione dessa forma na teoria de Frege, justamente porque de acordo com ela um nome expressa infinitos sentidos.

Na teoria de Frege, entender o nome ‘Superman’ significa saber o sentido de ‘Superman’. Como vimos, o sentido que uma pessoa precisa saber para satisfazer a condição de compreender qualquer sentença em que ‘Superman’ aparece, incluindo sentenças com vários verbos que expressam atitudes proposicionais, é um conjunto infinito de sentidos. Mas é claramente implausível supor que ao compreender o nome ‘Superman’, um falante apreende um número infinito de sentidos. Isso não só é psicologicamente impossível, dada que a capacidade de compreensão humana é finita, como também aparentemente desnecessário. Por causa disso, talvez a teoria de Frege não seja apropriada para explicar linguagens naturais e, conseqüentemente, para explicar os dois Enigmas de Frege.

Uma possível resposta a essa objeção é dizer que não é necessário saber todos os infinitos sentidos que ‘Superman’ pode expressar. Basta saber o sentido expresso em contextos ordinários que a partir dele de alguma forma inferimos o sentido em contextos indiretos. Por exemplo, sabemos que o sentido ordinário de ‘Superman’ é mda_{sm} . Quando então o nome aparece no escopo de um verbo que expressa atitude proposicional, como em ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’, inferimos que seu sentido é mda_{sm}^1 porque sabemos de antemão que o seu referente nessa sentença é mda_{sm} . E o mesmo no caso de ‘Aline sabe que Lois Lane acredita que Superman voa.’ Porque temos dois verbos que expressam atitudes proposicionais, sabemos que o sentido de ‘Superman’ (mda_{sm}^2) vai se referir ao sentido (mda_{sm}^1) que se refere ao sentido ordinário (mda_{sm}), sendo que este último sabemos porque compreendermos o nome ‘Superman’ em contextos ordinários. Nessa proposta, apenas sabendo o sentido ordinário de ‘Superman’ somos capazes de entender qualquer sentença em que o nome aparece, dado que também saibamos o sentido das outras expressões que compõe a sentença.

Essa sugestão parece de fato dar conta do problema em questão. Mas infelizmente ela não está disponível a Frege. Frege diz explicitamente que enquanto é possível determinar o referente de uma expressão a partir do sentido expresso por ela, o contrário não é possível. Ou seja, não temos como saber o sentido de uma expressão apenas sabendo qual é seu referente, que é o que a sugestão apresentada aqui exige. A razão para Frege dizer isso é simples. Cada sentido determina um e apenas um objeto (se houver algum). Em outras

palavras, cada sentido é modo de apresentação de um a apenas um objeto (se houver algum). Por isso com o sentido podemos determinar o referente. Mas para cada objeto há infinitos sentidos associados a ele – como no caso de \uparrow que pode estar junto tanto com mda_{sm} quanto com mda_{CK} . Então o referente de uma expressão não é suficiente para determinar seu sentido; saber que \uparrow é o referente de ‘Superman’ não nos dá informação suficiente para descobrir quando é seu o sentido, se mda_{sm} , mda_{CK} ou outro modo de apresentação de \uparrow .

Alguns filósofos são céticos a respeito da força dessa objeção. De acordo com eles temos uma sentença no escopo de vários verbos que expressam atitudes proposicionais, não é mais muito claro qual é o significado dessa sentença ou suas condições de verdade. E se é o sentido que fornece as condições de verdade, então não é claro que realmente sabemos o sentido das expressões que compõem a sentença. Por exemplo, não é muito claro que sabemos o que está sendo dito ou que condições devem ser satisfeitas para a seguinte sentença ser verdadeira: ‘Juliana disse que Bill Gates suspeita que Aline sabe que Lois Lane acredita que Superman voa.’ De acordo com esses filósofos céticos, isso quer dizer que talvez nós de fato não sabemos qual é o sentido de ‘Superman’, dentre outros. Então quando anteriormente dissemos que sabemos o sentido de ‘Superman’ e que somos capazes de entender quaisquer sentenças em que o nome aparece, na verdade queríamos dizer que sabemos seu sentido ordinário e seu sentido em contextos indiretos quando no escopo de apenas um ou no máximo dois verbos que expressam atitudes proposicionais.

Essa linha de resposta não me parece muito atrativa. Concordo que à primeira vista é difícil acompanhar o que está sendo dito na sentença acima. Mas existem outras explicações mais plausíveis para nossa falta de compreensão de sentenças daquele tipo. Uma delas é que não estamos acostumados a proferir, ouvir ou ler sentenças com mais de um ou dois verbos que expressam atitudes proposicionais. Por causa disso temos dificuldades em acompanhar o significado desse tipo de sentenças. Essa dificuldade é bastante similar com a dificuldade que temos de acompanhar o significado de sentenças longas (lembre-se de quando o leitor lê Kant!), e não está relacionada com a falta de conhecimento dos sentidos que compõem elas. Portanto, a dificuldade de entender o significado da sentença acima seria puramente psicológica, relacionada com nossa capacidade de manter na mente ao mesmo tempo uma quantidade limitada de informações. Essa linha de explicação me parece ser muito mais intuitiva que aquela que diz que não sabemos mais o significado de ‘Superman voa.’ na sentença longa.

Outro modo bastante intuitivo de tentar salvar a teoria de Frege dessa objeção é dizer que para toda expressão há apenas dois sentidos: o sentido em contextos indiretos e o sentido em contextos diretos. O sentido em contextos diretos é o sentido ordinário

como Frege sustentou, como o sentido mda_{sm} expresso por ‘Superman’ em ‘Superman voa.’. A novidade da proposta é afirmar que para cada expressão linguística só há um sentido expresso em contextos indiretos (ao invés de infinitos sentidos), não importando quantos verbos que expressam atitudes proposicionais estão presentes na sentença. Nesse caso, o nome ‘Superman’ nas sentenças ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’ e ‘Aline sabe que Lois Lane acredita que Superman voa.’ expressam exatamente o mesmo sentido mda_{sm}^1 , que se refere ao sentido ordinário mda_{sm} .

Como nessa sugestão uma expressão linguística pode expressar *apenas dois sentidos*, ao invés de um conjunto infinito de sentidos, o problema explicado no começo da seção não aparece. Também não é implausível ou psicologicamente impossível afirmar que quando compreendemos o nome ‘Superman’, apreendemos dois sentidos: o sentido ordinário e o sentido em contextos indiretos.

Essa solução pode parecer ser satisfatória à primeira vista. Mas ela também enfrenta problemas sérios que serão apresentados na próxima seção.

6.3. Sentido de quem, afinal de contas?

O último problema que vou discutir está relacionado com a afirmação de Frege que o sentido associado a uma expressão linguística pode variar de pessoa pra pessoa. Suponha que Lois Lane associe apenas o sentido mda_{sm} - «a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça» - a ‘Superman’, e que Aline associe apenas o sentido «o filho de Jor-El» - que vou abreviar como ‘ mda_{sm}^* ’. Como o nome ‘Superman’ em ‘Aline sabe que Lois Lane acredita que Superman voa.’ está em um contexto indireto, sabemos que ele expressa um sentido, a saber, mda_{sm}^1 , e se refere a outro sentido. A pergunta agora é: qual é esse sentido que é referente de ‘Superman’ - e portanto relevante para o valor de verdade da sentença - e do qual mda_{sm}^1 é um modo de apresentação? O sentido que Lois Lane apreende (mda_{sm}) ou o sentido que Aline apreende (mda_{sm}^*)?

Mark Richard (1990, pp. 69-75) argumenta que nenhuma das duas opções são viáveis, o que quer dizer que a teoria de Frege tem dificuldades em explicar justamente aqueles tipos de sentenças que pareciam dar suporte a ela.

Primeiro, considere a sugestão que o referente seja mda_{sm} , o sentido que Lois Lane associa a ‘Superman’. Esse sentido também é o sentido ordinário de ‘a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça’. Ou seja, ‘Superman’ e ‘a pessoa que veste cuecas vermelhas

por cima da calça' têm o mesmo sentido ordinário. O que quer dizer que os seus sentidos em contextos indiretos determinam o mesmo referente, a saber, mda_{sm} . Isso tem como consequência, dentre outras coisas, que se 'Aline sabe que Lois Lane acredita que **Superman** voa.' é verdadeira, então 'Aline sabe que Lois Lane acredita que **a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça** voa.' também é verdadeira¹⁰. Porém, Richard argumenta que essa implicação é falsa porque é possível que a primeira sentença seja verdadeira e a segunda falsa. Suponha que Aline ouça Lois Lane sinceramente afirmando que ela (Lois Lane) acredita que Superman voa, mas que Aline não associe o sentido mda_{sm} ao nome 'Superman' e também não saiba que Superman é a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça (porque ela nunca viu Superman). Nesse caso, parece intuitivo que Aline sabe que Lois Lane acredita que **Superman** voa, mas falso que Aline sabe que Lois Lane acredita que **a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça** voa – tornando a implicação anterior falsa. Portanto, a sugestão que o referente de 'Superman' em contextos indiretos é mda_{sm} , ou o sentido de Lois Lane deve ser descartada.

A segunda proposta é que mda_{sm}^1 determina mda_{sm}^* , o sentido que Aline associa com 'Superman'. Mas agora parece que a teoria implica que 'Aline sabe que Lois Lane acredita que Superman voa.' é falsa quando sabemos que é verdadeira! Sob essa sugestão, o que precisa ser o caso agora para ela ser verdadeira é que Aline sabe que Lois Lane acredita que *o filho de Jor-El* voa. Mas isso é falso. Por suposição o único sentido que Lois Lane associa ao nome 'Superman' é «a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça» e não «o filho de Jor-El». Portanto, Lois Lane acredita que *a pessoa que veste cuecas vermelhas por cima da calça* voa mas não que *o filho de Jor-El* voa.

Com base no argumento de Richard que acabamos de ver, a Teoria Fregeana não explica como a sentença 'Aline sabe que Lois Lane acredita que Superman voa.' pode ser verdadeira porque não é claro qual é o referente de 'Superman'. Portanto, a teoria deve ser abandonada.

A Teoria Fregeana do Significado começou bem, com soluções atrativas para os enigmas. Entretanto, ela parece ter sérios problemas quando examinada com mais cuidado. O primeiro é que não é claro o que é um sentido e que, portanto, não é claro qual é a explicação dos Enigmas. Em seguida vimos que a teoria gera um a cadeia infinita de sentidos que preveniria alguém de saber o sentido de expressões linguísticas. Por fim, vimos o problema de decidir qual é o referente de 'Superman' em 'Aline sabe que Lois Lane acredita que Superman voa.': o sentido associado por Aline ou aquele associado por Lois Lane?

Não é muito claro como Frege poderia responder satisfatoriamente às objeções

¹⁰ - Essas duas sentenças podem expressar proposições diferentes mas como todos os seus componentes tem o mesmo referente, elas se referirão ao mesmo valor de verdade.

levantadas aqui. Então talvez seja uma boa ideia abandonar momentaneamente a teoria de Frege e nos voltarmos pra teoria da referência direta. Mas mesmo que o leitor discorde que esses são problemas graves à teoria, ainda assim é interessante saber como a teoria da referência direta responde ao problema levantado pelos dois enigmas. Na próxima seção vou apresentar a proposta de Salmon de explicar os enigmas sem rejeitar a Teoria da Referência Direta.

7. Teoria da Referência Direta Revisitada

Antes de explicar a teoria proposta por Salmon, gostaria de recapitular rapidamente os dois enigmas que levantam objeções à teoria da referência direta. O primeiro Enigma é explicar como as sentenças ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’ e ‘Lois Lane acredita que Clark Kent voa.’ têm valores de verdade diferentes. Para a Teoria da Referência Direta elas expressam a mesma proposição e, portanto, deveriam ter o mesmo valor de verdade. O segundo Enigma é explicar a diferença com relação à informatividade e modo de conhecimento das proposições expressas por ‘Superman é Superman.’ e ‘Superman é Clark Kent.’ Já que para a Teoria da Referência Direta essas duas sentenças expressam o mesmo conteúdo semântico, elas deveriam ser ou ambas informativas, ou ambas não informativas, o que contradiz nossas intuições.

Em geral, a estratégia usada pelos defensores da Teoria da Referência Direta para explicar os enigmas é dizer que quando avaliamos a informatividade de sentenças ou as crenças expressas por elas, nós levamos em consideração não apenas o conteúdo semântico da sentença mas também outros conteúdos ou informações associadas às sentenças. E enquanto o conteúdo semântico de sentenças com nomes diferentes co-referenciamas mas de outra forma idênticas é o mesmo, os conteúdos não semânticos associados a elas são diferentes. É essa diferença nos conteúdos não semânticos que explica a diferença na informatividade e a aparente diferença no valor de verdade das sentenças que reportam o conteúdo da crença de Lois Lane.

Aqui eu vou discutir a teoria de Salmon, uma das várias que seguem a linha de resposta esboçada no parágrafo anterior. Vou focar nela por causa da sua universalidade: Salmon claramente apresenta sua proposta como uma que elucida o Enigma de Frege envolvendo não só nomes próprios (as versões discutidas aqui) mas também outras versões que citei mas deixei de lado. Quer dizer, diferente de outras soluções, a proposta de Salmon tem a vantagem de unificar as respostas às várias versões do Enigma de Frege. Isso captura a

intuição de que as diferentes versões do Enigma são de fato versões de um só fenômeno.

7.1. Proposta do Salmon

Salmon defende uma versão da Teoria da Referência Direta, portanto ele defende a Tese 1 e 2. Consequentemente, ele se compromete com a Tese 3 e 4. Em particular, ele é enfático na sua posição de que tanto ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’ quanto ‘Lois Lane acredita que Clark Kent voa.’ são verdadeiras. Mas e nossas intuições de que a primeira, mas não a segunda é verdadeira? Em um certo sentido, ele rejeita que nossas intuições sejam confiáveis. Em particular, Salmon rejeita que nossas intuições sobre o valor de verdade daquelas sentenças sejam sobre o valor de verdade do seu conteúdo semântico, e argumenta que elas são sobre um outro conteúdo associado às sentenças. E sem haver diferença entre valores de verdade das duas sentenças, o Enigma deixa de existir.

Relembremos que sentenças expressam conteúdos semânticos e conteúdos não semânticos. Quando respondo a pergunta da mãe de Aline a respeito de sua nacionalidade proferindo ‘Aline é brasileira.’ com uma certa expressão facial, eu expresso o conteúdo semântico que informa que Aline é brasileira. Com isso também comunico pragmaticamente a informação que suspeito de algo estranho com a mãe de Aline. Esse conteúdo também tem condições de verdade. No exemplo aqui pode ser verdadeiro ou falso que eu suspeito de algo errado com a mãe de Aline. E como Salmon observa, os valores de verdade do conteúdo semântico e do conteúdo pragmático são independentes. Quer dizer, é possível que o conteúdo semântico seja verdadeiro, mas o conteúdo pragmático falso - isso seria o caso se Aline fosse de fato brasileira mas eu não suspeitasse que tem algo de errado com sua mãe.

O mesmo raciocínio se aplica com as sentenças ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’ e ‘Lois Lane acredita que Clark Kent voa.’, de acordo com Salmon. Ambas expressam um conteúdo semântico e comunicam um conteúdo pragmático. Como Salmon é defensor da Teoria da Referência direta, o conteúdo semântico que elas expressam é necessariamente o mesmo: $\langle \text{Lois Lane, acreditar, } \langle \text{ } \rangle, \text{ voa} \rangle$. O conteúdo pragmático, por outro lado, pode ser diferente. E nesse caso é diferente. Para Salmon, a primeira sentença expressa um conteúdo pragmático que pode ser mais ou menos do tipo: *Lois Lane acredita na proposição expressa por ‘Superman voa.’ através do modo de apresentação que ela associa à ‘Superman voa.’.* Já a segunda sentença expressaria o seguinte conteúdo pragmático: *Lois Lane acredita na proposição expressa por ‘Clark Kent voa.’ através do modo de apresentação que ela associa à ‘Clark Kent voa.’.*

Para Salmon, modos de apresentação de proposições pragmaticamente comunicados por sentenças são bastante semelhantes ao sentido fregeanos, modos de apresentação de objetos. Podem existir diferentes modos de apresentação para cada proposição, assim como podemos ter diferentes modos de apresentação para cada referente. E assim como diferentes modos de apresentação de um objeto podem ser expressos por diferentes nomes, diferentes modos de apresentação de proposições podem ser pragmaticamente comunicados por diferentes sentenças. Por exemplo, a proposição $\langle \lambda, \text{voa} \rangle$ pode ser associada a um modo de apresentação pragmaticamente comunicado pela sentença ‘Clark Kent voa.’ e a outro modo de apresentação diferente comunicado pela sentença ‘Superman voa.’ – tal como na teoria de Frege λ pode ser associado a mda_{CK} que é expresso por ‘Clark Kent’, ou associado a mda_{SM} que é expresso por ‘Superman.’ A diferença entre as duas teorias é que enquanto Frege considera o modo de apresentação parte do conteúdo semântico expresso por uma expressão linguística, Salmon considera o modo de apresentação parte do conteúdo pragmaticamente comunicado.

Com base no que sabemos sobre Lois Lane, é evidente que o conteúdo pragmaticamente comunicado por ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’ é verdadeiro e o conteúdo comunicado por ‘Lois Lane acredita que Clark Kent voa.’ é falso. O que precisa ser explicado agora é como é possível que o conteúdo semântico tenha o mesmo valor de verdade - nesse caso ambas são verdadeiras -, como a Teoria da Referência Direta antecipa?

Para responder a essa pergunta, Salmon sugere que uma pessoa acredita em uma proposição se, e somente se, ela estiver em uma relação acreditar*¹¹ (que é diferente de *acreditar*) na proposição através de pelo menos um modo de apresentação. No caso de Lois Lane, ela acredita em $\langle \lambda, \text{voa} \rangle$ se, e somente se, ela acreditar* nessa proposição através de pelo menos um modo de apresentação. Essa última afirmação é verdadeira de acordo com a estória: Lois Lane acredita em $\langle \lambda, \text{voa} \rangle$ através do modo de apresentação associado e pragmaticamente comunicado por ‘Superman voa.’ Como de acordo com a referência direta a sentença ‘Lois Lane acredita que Clark Kent voa.’ é verdadeira se, e somente se, Lois Lane acreditar na proposição expressa por ‘Clark Kent voa.’, pela conclusão anterior se segue que ela é verdadeira¹².

Resumidamente, Salmon propõe que o conteúdo semântico de ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’ e de ‘Lois Lane acredita que Clark Kent voa.’ são o mesmo, e ambas são verdadeiras. Entretanto, conteúdo pragmático comunicado pelas duas sentenças são

11 - ‘acreditar*’ se refere à mesma relação que Salmon chama de ‘BEL’.

12 - Caso o leitor esteja curioso, para Salmon, Lois Lane não acredita em $\langle \lambda, \text{voa} \rangle$ se, e somente se, não é o caso que ela acredite* em $\langle \lambda, \text{voa} \rangle$ através de pelo menos um modo de apresentação. Em outras palavras, Lois Lane não acredita em $\langle \lambda, \text{voa} \rangle$ se, e somente se, não existir um modo de apresentação de λ através do qual ela acredita que $\langle \lambda, \text{voa} \rangle$.

diferentes; a primeira comunica um conteúdo verdadeiro e a segunda um conteúdo falso. Mas o valor de verdade do conteúdo pragmático não está relacionado com o valor de verdade do conteúdo semântico.

A proposta de Salmon faz com que os Enigmas de Frege desapareçam porque rejeita uma de suas suposições. O primeiro Enigma era: como é possível as sentenças ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’ e ‘Lois Lane acredita que Clark Kent voa.’ terem diferentes valores de verdade sendo que ‘Superman’ e ‘Clark Kent’ são co-referenciais? Na teoria de Salmon, essas duas sentenças não diferem em valor de verdade, então não há enigma a ser explicado. E nossa intuição de que os valores de verdade das sentenças são diferentes? Para Salmon essa intuição é sobre o valor de verdade do conteúdo pragmaticamente comunicado e não do conteúdo semântico, como erroneamente foi entendido por Frege e outros filósofos. As duas sentenças de fato diferem com relação ao valor de verdade do conteúdo pragmaticamente comunicado. Mas essa diferença não gera nenhum problema para a Teoria da Referência Direta, muito menos sugere que a Tese 2 é falsa. A Teoria da Referência Direta é uma teoria do conteúdo semântico e não do conteúdo pragmático. A diferença no valor de verdade das sentenças é com relação ao conteúdo pragmático. Portanto se essa diferença gera um problema, ela gera um problema para teorias sobre o conteúdo pragmático e não para Teorias da Referência Direta.

Para o segundo enigma, a solução de Salmon segue a mesma estratégia geral da solução ao primeiro enigma. O enigma era como é possível que ‘Superman é Superman.’ e ‘Superman é Clark Kent.’ tenham diferentes propriedades epistêmicas (a primeira é conhecível *a priori* enquanto a segunda não) e valor informativo (a primeira não é informativa enquanto a segunda é)? Novamente, para o Enigma surgir, temos que assumir que nossas intuições a respeito de suas propriedades epistêmicas e seus valores informativo são sobre o conteúdo semântico expresso por elas. Para Salmon isso é um erro que cometemos porque essas intuições são sobre o conteúdo pragmaticamente comunicado. Apesar dos conteúdos semanticamente expressos por ‘Superman é Superman.’ e por ‘Superman é Clark Kent.’ serem o mesmo, os conteúdos pragmaticamente comunicados não o são. O conteúdo pragmático comunicado pela primeira poderia ser algo como: o referente de ‘Superman’ é idêntico ao referente de ‘Superman.’ E aquele comunicado pela segunda sentença pode ser algo como o referente de ‘Superman’ é idêntico ao referente de ‘Clark Kent.’ O primeiro é obviamente não informativo e conhecível *a priori*. O segundo, por outro lado, é evidentemente informativo e não é conhecível *a priori*. Dessa forma explicamos nossas intuições de que tem alguma coisa de diferente entre as sentenças sem precisar dizer que seus conteúdos semânticos sejam diferentes, ou seja, sem rejeitar a Teoria da Referência Direta.

Para concluir, de acordo Salmon, quando fazemos a distinção entre o conteúdo semanticamente expresso e o conteúdo pragmaticamente comunicado percebemos que o problema posto pelos Enigmas de Frege para a Teoria da Referência Direta desaparecem. Nossas intuições a respeito da diferença entre informações associadas com as sentenças são sobre o conteúdo pragmaticamente comunicado e não sobre o conteúdo semanticamente expresso.

8. Problemas para a solução do Salmon

A teoria do Salmon me parece ser bastante engenhosa. Ela lida aparentemente bem com as duas versões do Enigma de Frege com nomes próprios discutidas aqui, além de oferecer uma resposta homogênea para outras versões recentes do enigma. Então por que não abraçar essa teoria e dar o problema gerado pelo Enigma de Frege como solucionado? Infelizmente a teoria do Salmon me parece ter problemas sérios que serão apresentados nas próximas seções.

A solução de Salmon consiste em argumentar que o Enigma de Frege não causa problema para a Teoria da Referência Direta porque: a) existe um conteúdo não semântico associado com sentenças, o conteúdo pragmaticamente comunicado, b) que é normalmente confundido com o conteúdo semântico e c) é fonte das nossas intuições com relação aos diferentes valores de verdade das sentenças que reportam as crenças de Lois Lane. Vou apresentar três objeções aqui, uma para cada parte da explicação.

8.1. O que é o conteúdo pragmaticamente comunicado?

A primeira parte da explicação é afirmar a existência de um conteúdo pragmaticamente comunicado por sentenças. Mas que conteúdo é esse? Em nenhum de seus artigos Salmon esclarece o que seria esse conteúdo pragmaticamente comunicado por sentenças. O máximo que ele diz a respeito do conteúdo é que ele *pode* ser (mas não necessariamente é) como o sentido de Frege. Em conversas particulares, Salmon esclarece que não se compromete e não quer se comprometer com uma teoria a respeito do conteúdo pragmaticamente comunicado porque acredita que esse tópico não faz parte do escopo de teorias semânticas. Essas lidam, obviamente, com a natureza do conteúdo semântico e não de conteúdos pragmaticamente comunicados. Portanto, a pergunta sobre o que é esse conteúdo pragmaticamente comunicado não está no escopo da sua teoria ou de qualquer outra teoria semântica.

A resposta de Salmon me parece bastante insatisfatória. Para explicar porque ela me parece insatisfatória, vou apresentar um caso análogo onde uma explicação com a mesma estrutura da de Salmon é intuitivamente insatisfatória. Por analogia, então, inferimos que a explicação original é também insatisfatória.

Considere o seguinte cenário: eu sou uma bióloga que investigo a razão de haver similaridades e diferenças entre animais. Enquanto bióloga, eu lido apenas com animais e não com problemas metafísicos, como por exemplo se há propriedades ou não, ou até com problemas a respeito da existência de Deus. Depois de ter feito várias pesquisas, proponho que a razão de haver similaridades e diferenças entre animais é que Deus criou todas as criaturas e fez algumas bem diferentes e outras bastante similares. Mas eu não incluo nenhuma explicação de Deus ou como ele cria animais.

A reação racional esperada dos meus colegas biólogos perante minha explicação parece ser a de exigir um esclarecimento do que é Deus e como ele cria animais. E se por acaso eu me negar a oferecer tal esclarecimento, então minha teoria deveria ser rejeitada. Agora suponha que respondo de maneira similar a Salmon: como sou uma bióloga e não uma filósofa, explicações a respeito de Deus ou de e como ele age estão fora do escopo da minha pesquisa, portanto não preciso oferecer uma. Parece ser relativamente claro aqui que essa resposta não é suficiente. Não podemos postular entidades em campos de pesquisa que não são os nossos para solucionar um problema no nosso campo de pesquisa e não oferecer qualquer explicação. Por analogia, o mesmo pode ser dito a respeito da proposta do Salmon. Até que ele ofereça uma explicação do que é esse conteúdo pragmaticamente comunicado, como ele é comunicado por usos de sentenças e como sentenças que diferem apenas com relação a nomes co-referenciais podem ter valores de verdade, informativos e modo de conhecimento diferentes, sua proposta deve ser rejeitada como uma solução apropriada para o problema posto pelo enigma de Frege.

8.2. Engano massivo

Outro problema da solução de Salmon parece ser o fato de ela depender que todos nós estamos massivamente enganados a respeito do conteúdo de nossas crenças, desejos, intenções, etc.

O fenômeno ilustrado pelos pares de sentenças envolvendo crenças discutidos aqui é generalizado. Quer dizer, é possível gerar pares de sentenças que reportam atitudes proposicionais com diferentes valores de verdade de virtualmente todas as atitudes

proposicionais de um sujeito. E Salmon espera que sua solução no caso de sentenças que reportam crenças seja também aplicada em caso de sentenças que reportam outras atitudes proposicionais. Ou seja, não só estamos enganados a respeito do conteúdo de nossas crenças, como também do conteúdo de desejos, intenções, etc. Para ele, Lois Lane está enganada quando ela diz que não deseja abraçar Clark Kent. Ela tem esse desejo simplesmente porque deseja abraçar Superman¹³.

O problema dessa consequência é que parece ser bastante plausível assumir que se houvesse um engano massivo a respeito do valor de verdade de sentenças que reportam crenças, desejos, intenções, etc., então ele já teria aparecido. Cotidianamente atribuímos crenças (e outras atitudes proposicionais) a pessoas para explicar comportamento das pessoas. Por exemplo, quando Lois Lane pula no colo de Superman quando está no topo de um prédio em chamas, justificamos seu comportamento dizendo que Lois Lane acredita que Superman voa. Fazemos isso usando sentenças que reportam crenças, como ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’ E nós temos intuições sobre quais sentenças são adequadas para explicar um comportamento e quais não são. No caso de Lois Lane, ‘Lois Lane acredita que Clark Kent voa.’ não aparenta ser adequada para explicar seu comportamento – nesse caso porque julgamos ser falsa. Além do mais, nós agimos com base no que intuitivamente julgamos ser o conteúdo de sentenças que reportam crenças e seus valores de verdade. Por exemplo, sabendo que ‘Lois Lane acredita que Superman voa.’ pode motivar Lois Lane a pular no colo de Superman e se salvar, eu vou dizer a ela que Superman está atrás dela e não que Clark Kent está atrás dela.

Parece que se de fato estivéssemos massivamente enganados a respeito do conteúdo semântico e valor de verdade de sentenças que reportam crenças, como Salmon afirma que estamos, então esse engano já teria aparecido em situações cotidianas. Mas curiosamente nosso engano só aparece quando analisamos pares específicos de sentenças que reportam crenças, nomeadamente aqueles que trazem à tona o Enigma de Frege, e assumimos a Teoria da Referência Direta. Isso leva a crer que o problema está com a Teoria da Referência Direta e não com nossas intuições.

13 - Para Salmon, ‘Lois Lane não deseja abraçar Clark Kent.’ é falsa pelo mesmo motivo que ‘Lois Lane não acredita que Clark Kent voa.’ é falsa. Lois Lane não deseja abraçar λ se, e somente se, não é o caso que Lois Lane deseja* abraçar λ através de pelo menos um modo de apresentação. Em outras palavras, Lois Lane não deseja abraçar λ se, e somente se, não há um modo de apresentação de λ através do qual ela deseje abraçar λ . Portanto, Lois Lane não tem desejos inconsistentes. Agradeço Sagid Salles por sugerir uma explicação mais detalhada desse ponto.

8.3. “Empurrando o problema com a barriga”

Os Enigmas de Frege como originalmente propostos estão relacionados com o conteúdo em que encontramos o valor informativo e o conteúdo de crenças que influenciam nossos comportamentos – este último explicado na seção anterior e que vou chamar de ‘valor cognitivo’¹⁴. Claramente sentenças comunicam esse conteúdo. Portanto deve haver uma relação sólida entre o conteúdo com valor informativo e cognitivo, e o conteúdo semanticamente expresso por sentenças.

Frege tenta acomodar nossas intuições sobre essa relação entre o conteúdo semântico e o conteúdo com valor informativo e cognitivo sugerindo que eles sejam apenas um único conteúdo. Por isso, para Frege os Enigmas aparecem para teorias semânticas. Mas os Enigmas são fundamentalmente sobre o conteúdo com valor informativo e cognitivo associado a sentenças.

Salmon rejeita a suposição de Frege que o conteúdo com valor informativo e cognitivo é o conteúdo semanticamente expresso. Ao invés disso, ele defende que o primeiro conteúdo é idêntico ao conteúdo pragmaticamente comunicado. Portanto, se os Enigmas de Frege existem e são pertinentes ao conteúdo com valor informativo e cognitivo, então na proposta de Salmon eles devem aparecer no conteúdo pragmaticamente comunicado. Nesse caso, é inadequado tratar a teoria de Salmon como uma *solução* para os Enigmas de Frege. Primeiro porque ela não oferece uma explicação adequada de como o conteúdo pragmaticamente comunicado por sentenças que expressam o mesmo conteúdo semântico podem diferir (ver seção 8.1). Segundo, porque a teoria de Salmon não elimina o Enigma. Ela se torna apenas uma proposta em que esclarece que o enigma não é um enigma para teorias semânticas mas “empurra o problema com a barriga” para teorias que lidam com o conteúdo pragmaticamente comunicado. Porque agora o enigma é: como é possível que o conteúdo pragmaticamente comunicado pelas sentenças ‘Superman é Superman.’ e ‘Superman é Clark Kent.’ sejam diferentes se os nomes ‘Superman’ e ‘Clark Kent’ são co-referenciais?

Agora também fica mais claro porque Salmon não pode sugerir que o conteúdo pragmaticamente comunicado pode ser sobre a linguagem, como expliquei no fim da seção 7.1. A sugestão de Salmon era de que o conteúdo pragmaticamente comunicado por ‘Superman é Superman.’ pode ser algo como *o referente de ‘Superman’ é idêntico ao referente de ‘Superman’*; enquanto que aquele comunicado por ‘Superman é Clark Kent.’ pode ser

14 - Minha terminologia aqui difere radicalmente da de Salmon e é importante manter isso em mente, caso contrário minha discussão nessa seção pode parecer absurda. Salmon usa ‘valor cognitivo’ or ‘valor informativo’ quase como sinônimo de ‘proposição’. Esse uso é completamente diferente do meu uso de ‘valor cognitivo’ aqui. ‘Valor cognitivo’ como está sendo usado aqui se refere àquele conteúdo que intuitivamente explica nosso comportamento.

algo como o referente de ‘*Superman*’ é idêntico ao referente de ‘*Clark Kent*’. Isso porque, como o próprio Frege (1892) argumenta no começo de seu artigo, o valor informativo ou cognitivo de sentenças não parece ser sobre a linguagem e sim sobre o mundo. Saber que o referente de ‘*Superman*’ é idêntico ao referente de ‘*Clark Kent*’ é um conhecimento linguístico. Mas saber que Superman é Clark Kent, é um conhecimento sobre os objetos no mundo.

9. Considerações finais

Obviamente, não tivemos tempo de analisar todas as propostas para solucionar os Enigmas de Frege. Não é claro que hoje em dia há uma boa explicação para o fenômeno. Existem inúmeras propostas que tentam salvar tanto a Teoria Fregeana do Significado (ou teorias inspiradas na teoria de Frege) quanto a Teoria da Referência Direta. Mas elas acabam me parecendo insatisfatórias por algum motivo ou outro – geralmente esses motivos são similares as considerações apresentadas nesse artigo.

Aqui argumentei que a Teoria Fregeana do Significado e a Teoria da Referência Direta não oferecem uma solução apropriada para os Enigmas de Frege. A Teoria Fregeana é insatisfatória porque aparentemente não há uma explicação detalhada do que seria um sentido (6.1). Além do mais, a teoria nos compromete com a tese de que entender um nome próprio significa apreender um conjunto infinito de sentidos (6.2), o que é psicologicamente impossível. Por fim, como Frege permite que o sentido de um nome varie de pessoa para pessoa, quando temos sentenças que reportam crenças que alguém tem da crença de outra pessoa (‘Aline sabe que Lois Lane acredita que Superman voa.’), não é claro qual sentido é relevante e quais sejam suas condições de verdade (6.3).

A Teoria da Referência Direta Revisitada é bastante atraente à primeira vista, mas também parece ter problemas sérios. Argumentei que a teoria de Salmon não explica os Enigmas de Frege porque recorre a conteúdos que não são explicados, a saber, o conteúdo pragmaticamente comunicado (8.1). Ademais, a teoria exige que tratemos como não confiáveis intuições fundamentais, sem oferecer nenhuma razão a não ser a vontade de sustentar a Teoria da Referência Direta como a teoria semântica (8.2). Por fim, mesmo que aceitemos a proposta de Salmon, os Enigmas continuam sem solução porque passam a ser enigmas para o conteúdo pragmaticamente comunicado (8.3).

Referências

- DUMMETT, M. (1981). *Frege: Philosophy of Language* (2nd ed.). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- DUMMETT, M. (1991). *Frege and Other Philosophers*. Oxford: Oxford University Press.
- EVANS, G. (1982). *The Varieties of Reference*. (J. McDowell, Ed.) Oxford New York: Clarendon Press Oxford University Press.
- FREGE, G. (1956). The Thought: A Logica Inquiry. *Mind*, 65(259), 289-311.
- FREGE, G. (1994). On Sense and Reference (1892). In R. M. Harnish (Ed.), *Basic Topics in the Philosophy of Language* (M. Black, & P. Geach, Trans., pp. 142-160). Upper Saddle River, N.J: Prentice-Hall.
- KAPLAN, D. (1968). Quantifying In. *Synthese*, 19(1/2), 178-214.
- KRIPKE, S. A. (1980). *Naming and Necessity*. Oxford: Blackwell.
- PUTNAM, H. (1975). The meaning of 'meaning'. *Minnesota Studies in the Philosophy of Science*, 7, 131-193.
- RICHARD, M. (1990). *Propositional Attitudes: an Essay on Thoughts and How we Ascribe Them*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RUSSELL, B. (1905). On Denoting. *Mind*, 14(56), 479-493.
- RUSSELL, B. (1910-1911). Knowledge by Acquaintance and Knowledge by Description. *Proceedings of the Aristotelian Society, New Series*, 11, 108-128.
- SEARLE, J. R. (1958). Proper Names. *Mind*, 67(266), 166-173.